# Para que serve o Papa?

Mons. Jean-Joseph Gaume — Para que serve o Papa? (2.ª edição, Paris, 1861): o que o Papado e o Papa-Rei conservam no mundo cristão. Tradução em português do Brasil.


- Sobre esta edição
- Advertência
- I — Para que serve o Papa?
- II — Para que serve o Papa?
- III — Para que serve o Papa?
- IV — Para que serve o Papa?
- V — Para que serve o Papa?
- VI — Para que serve o Papa?
- VII — Para que serve o Papa-Rei?
- VIII — Para que serve o Papa-Rei?
- IX — Para que serve o Papa-Rei?
- X — Por que se quer mal ao Papa-Rei?
- XI — Por que o Papa serve para tudo?
- XII — Por que o Papa é tão abandonado?
- XIII — Advertências solenes

# Sobre esta edição

## PARA QUE SERVE O PAPA?

❦

Tradução para o português do Brasil de *À quoi sert le Pape ?*, de Mons. Jean-Joseph Gaume, protonotário apostólico e doutor em teologia (2.ª edição, Paris, Gaume Frères et J. Duprey, 1861).

As citações bíblicas seguem a Bíblia em português e latim da Ação Restauracionista (tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, com a grafia antiga mantida); o restante do texto foi vertido para o português contemporâneo.

> *«Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra elle.»* (Mt 16, 18)

# Advertência

A Revolução não se cansa de atacar a Igreja. Nós não devemos nos cansar de defendê-la. Ela não se contenta em repetir no dia seguinte os ataques da véspera: cada dia inventa novos ou rejuvenesce os antigos. À medida que o desenlace se aproxima, a luta se simplifica. De hora em hora, o Santo Padre torna-se o alvo cada vez mais visado da Revolução.

Há poucos dias, o sr. E. de Girardin pretendia, na introdução a um novo folheto contra a Santa Sé, que sem o Papa, e sobretudo sem o Papa-Rei, o mundo não deixaria de ser cristão; por conseguinte, que não seria nem menos civilizado, nem menos livre, nem menos feliz do que com o Papa. É perguntar, em outros termos, para que serve o Papa, e provocar a resposta: que a Europa é, daqui por diante, bastante forte e a civilização bastante adiantada para dispensar o Papa.

Se olharmos de perto, encontraremos o mesmo erro no fundo de todos os folhetos, discursos e artigos de jornais revolucionários, e até das conversas em certo *mundo*. Uma opinião muito pública se forma nesse sentido. As próprias *pessoas honestas* deixam-se levar por ela: a tal ponto que a sedução dos espíritos tornou-se o grande perigo da situação.

O ataque exigia a defesa. O ataque é direto: a defesa deve sê-lo. O ataque é de ontem: a defesa não deve se fazer esperar. […] as páginas que se vão ler.[1]

---

**Notas**

[1] N. do T.: No exemplar digitalizado, um carimbo de biblioteca encobre as primeiras palavras da última linha; só se leem, com clareza, as palavras «as páginas que se vão ler».

# I — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** Sentido e causa desta pergunta.

Não, não é um sonho. Depois de dezoito séculos de cristianismo, em pleno século dezenove, século, dizem, de progresso e de luzes, nas assembleias legislativas, nos salões, nos cafés, nas oficinas, na intimidade do lar, tanto nos campos como nas cidades, milhões de criaturas batizadas chegaram a perguntar, com uma segurança que desola: Para que serve o Papa, o Papa-Rei sobretudo?

Formulada em termos mais ou menos semelhantes, que significa, perguntamos nós por nossa vez, uma tal pergunta? Significa que a noção do Papado, tal como o próprio Filho de Deus o estabeleceu, se altera de maneira assustadora. Significa que o princípio, fundamento da Igreja, passa do estado de dogma ao de problema. Significa que o poder, conservador das sociedades civilizadas, cai no meio, se não de uma hostilidade, ao menos de uma indiferença, tornada contagiosa mesmo entre os cristãos.

Quanto ao que se chama o mundo, a queda do trono de são Pedro o comove menos que uma suspensão de pagamentos, menos que uma baixa na Bolsa. Ali, nem um temor a mais, nem um baile a menos.

No meio desse descarrilamento geral, uma palavra apenas sobre o Papa-Pontífice e sobre o Papa-Rei. E por que essa palavra? Para evitar a catástrofe[1]? Já não é tempo. Na hora em que estamos, a velha Europa pode comparar-se a um navio desmastreado, empurrado pelo furacão e prestes a saltar a grande catarata do Niágara.

Por que, então, essa palavra? Por duas razões que não carecem de gravidade. A primeira, para resumir brevemente tudo o que se disse da questão pontifícia, de modo a fornecer às almas retas, para os dias de perigo, uma arma fácil e segura contra os sofismas revolucionários. A segunda, para lançar um último raio de luz sobre o abismo sem fundo onde vai descer a Europa sem Papa.

---

**Notas**

[1] Dissemos a causa dela numa obra recente intitulada: *A Situação*.

# II — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa impede que o mundo volte a ser o que era antes do Papa.

Melhor seria perguntar: Para que o Papa não serve? Para que serve a cabeça sobre os ombros do homem?... Pois bem! o que a cabeça é para o corpo, o Papa o é para a Igreja. Sem cabeça, não há corpo; sem Papa, não há Igreja; sem Igreja, não há cristianismo.

Vejamos; vós todos, letrados e iletrados, homens e mulheres, que discutis a questão romana com mais leviandade, e talvez menos ciência, do que o fareis com uma questão de teatro ou de moda; que, na vossa impaciência de vê-la acabar, achais o Papa lento em ceder: compreendeis o alcance da vossa linguagem?

Não temeis chamar o Papado uma velha instituição, de que o mundo pode daqui por diante prescindir, e fanáticos os que o defendem. Sem grande dificuldade conformais-vos com a queda do trono pontifício. A vossos olhos, ela será apenas um desarranjo acidental no equilíbrio da Europa, um abalo incapaz de comprometer os vossos interesses, quando muito uma simples avaria, reparável com pouco custo. Refletistes bem?

Lede a história. Sem Papa, tereis o mundo tal como era antes do Papa. Sob uma forma ou outra, a escravidão por base, Nero por rei, Satanás por deus. Estais livres para negar. Os fatos são fatos. Não há luzes, nem civilização, nem literatura, nem jornalismo, nem pretensões que valham: entre o homem e o paganismo, com as suas vergonhas e os seus crimes, a história nunca conheceu, e ainda não conhece, senão uma barreira: é o Papa. Com ele desaparece o que sozinho impede os crimes pagãos e as vergonhas pagãs: a Igreja e o cristianismo.

Olhai o mapa-múndi. Sem Papa, tereis o mundo tal como ainda é na China, no Tibete, na Oceania: degradação moral, ignorância, antropofagia, superstições sanguinárias. Numa questão em que há apenas dois termos, em vão se busca um terceiro. Entre o cristianismo e o satanismo, não há meio-termo. O homem nasceu para adorar. Quem não adora o verdadeiro Deus adora o falso. Quem não adora o Deus altíssimo adora o deus baixíssimo. Quem não adora o Deus espírito adora o deus matéria, o deus metal, o deus carne, o deus ventre, como diz são Paulo, *quorum Deus venter*.[1]

Interrogai as vossas lembranças. Sem Papa, tereis o mundo tal como voltara a ser na França, na época de 93: Robespierre na Convenção, Fouquier-Tinville no palácio de justiça; Simon[2] com o seu instrumento na praça da Revolução; Carrier em Nantes; Vênus em Notre-Dame; a Bastilha por toda parte. Apesar de todos os atestados de probidade, de honra e de filantropia que gostamos de passar ao nosso tempo, não se deve jurar de nada, exceto de uma coisa: Sem Papa, não há cristianismo. E, sem cristianismo, tudo o que se viu antes do cristianismo, tudo o que ainda se vê

fora do cristianismo, pode tornar a ver-se.

> *Não há crime, disse um grande gênio, cometido por um homem ou por um povo, que não possa ser cometido por outro homem ou por outro povo, se não for ajudado por aquele Deus que fez os homens e os povos*[3].

Impedir a volta de um tal fantasma: eis, antes de tudo, para que serve o Papa.

---

**Notas**

[1] N. do T.: «cujo Deos he o ventre» (Fp 3, 19).

[2] N. do T.: Assim no original; o carrasco de Paris, na praça da Revolução, era Sanson.

[3] *Nullum est peccatum quod fecit homo quod non possit facere alter homo, nisi juvetur a Deo a quo factus est homo.* (S. Agost., *Solil.*) — «Não há pecado que um homem tenha cometido que outro homem não possa cometer, se não for ajudado por Deus, de quem o homem foi feito.»

# III — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa conserva a civilização, mesmo entre as nações heterodoxas.

Para que serve o sol na natureza?... Pois bem! o que o sol é para a natureza, o Papa o é para o mundo civilizado. Aqui, uma negação muito enfática sai dos vossos lábios. Com a mão, apontais a Inglaterra, a Rússia, os Estados Unidos (hoje desunidos), os outros povos separados da Igreja: e triunfais. Pobre triunfo! A vossa objeção é mais que um contrassenso, é um erro grosseiro. A verdade é que as nações heréticas e cismáticas, sem nenhuma exceção, vivem do Papa, só vivem do Papa. Se lhes tomardes o pulso, achareis que cada pulsação normal é católica.

Que é, a vosso ver, o que constitui a sua existência como nações cristãs? Sem dúvida, o elemento cristão. A quem devem elas o elemento cristão? Ao Papa, queirais ou não, e só ao Papa. De um lado, foi o Papa quem lhes enviou os primeiros apóstolos do cristianismo. De outro, tudo o que essas nações conservam de coisas cristãs, até a Bíblia, o devem à Igreja, por conseguinte ao Papa, sem o qual a Igreja não existiria, jamais teria existido. Segue-se daí que nenhum protestante, nenhum cismático, pode praticar um ato qualquer de vida cristã, um ato de fé na Escritura, sem praticar com ele um ato de fé na necessidade e na infalibilidade do Papa. Todo homem que diz: Creio na Bíblia, mas não creio no Papa, não sabe o que diz. Mente a si mesmo e vive de incoerência. No dia em que já não viver dela, será ateu ou católico. Enquanto isso, não vive, vegeta [1]. Assim, o protestante pode negar a pessoa do Papa, mas, de bom ou de mau grado, é forçado a admitir o princípio do Papa.

Há mais. Essa necessidade do Papa, para permanecer cristão, é tão implacável que ninguém é tão papista quanto o protestante. O católico só reconhece um único Papa, bispo de Roma, há dezoito séculos. O protestante não se contenta com tão pouco. Tem tantos papas quantos são os seus ministros, reis ou rainhas; tantos quantas são, no curso de um dia, as suas próprias afirmações religiosas. Tem sempre um papa consigo; é ele mesmo o seu papa.

Se a quantidade favorece o protestante, a qualidade favorece o católico. O Papa católico nunca varia. A essência dos papas protestantes é variar sempre. Jamais estão de acordo entre si nem consigo mesmos. Quereis a prova? Olhai as miríades de seitas em que retalharam o dogma cristão. A tal ponto que tudo o que hoje resta de crenças comuns entre os protestantes poderia, diz um de seus ministros, escrever-se na unha do polegar.

Por sua natureza, esse princípio de divisão tende ao retalhamento infinito. Quem o impede de chegar lá? É ainda o Papa. Por quê? Porque o Papa é uma afirmação, e enquanto uma afirmação existe, a negação não pode ser completa.

Tende isto por certo: sem a ação indireta do verdadeiro Papa sobre os países protestantes, isto é, sem a influência permanente da afirmação católica no mundo batizado, há muito tempo que os últimos vestígios de verdade cristã, e com eles os últimos elementos de civilização, teriam desaparecido das nações heterodoxas.

É, pois, verdade: o que o sol é para a natureza, o Papa o é para o mundo cristão. Assim como o sol, mesmo quando desce abaixo do horizonte, conserva ainda por muito tempo a luz ao mundo físico, assim o Papa, só ele, Vigário imortal daquele que ilumina todo homem que vem a este mundo, conserva o cristianismo em todas as partes, católicas ou não, do mundo civilizado. Não é nada isso?

---

**Notas**

[1] Isso é igualmente verdadeiro dos povos, e verdadeiro sob todos os aspectos. Testemunhas, entre outras, as três grandes lepras dos países protestantes: o Racionalismo, o Divórcio e o Pauperismo.

# IV — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa conserva a dignidade humana.

Para que serve a pedra angular da abóbada num edifício?... Pois bem! o Papa é a pedra angular do edifício social, que não pode subsistir sem dignidade, sem liberdade, sem segurança, sem propriedade.

Conservando o cristianismo, o Papa conserva a dignidade humana. Saber resistir até o sangue, em vez de se dobrar diante do erro ou da injustiça: eis o que constitui a dignidade do homem. Essa dignidade, a que as sociedades devem os seus esteios e a humanidade as suas glórias, repousa essencialmente sobre o Papa. Como? Porque o sacrifício, mesmo da vida, à verdade e à justiça, supõe o conhecimento certo, a convicção invencível da verdade e da justiça.

Tal certeza exige duas condições: a infalibilidade e a liberdade da palavra, órgão da verdade e da justiça. Ora, sem Papa, não há infalibilidade, e sem Papa independente, não há liberdade de palavra, liberdade tal como é preciso, manifesta e reconhecida, para impor a fé[1].

Em lugar disso, que tereis? Hoje, a incerteza do verdadeiro e a incerteza do direito. Amanhã, uma dessas grandes rupturas a que se chama cisma. Com o cisma, um lúgubre cortejo de divisões, de ódios, de prevaricações, de perturbações religiosas e sociais, a ruína da fé e a derrocada dos costumes. Por sacerdotes: funcionários aviltados; popes ignorantes, como na Rússia; *clergymen* casados, como na Inglaterra. Por Igreja: uma criada para todo serviço, condenada aos ofícios mais baixos, e devorando, sem dizer palavra, todas as sobras do desprezo, todas as vergonhas da servidão.

Que tereis ainda? O fato no lugar do direito. A infalibilidade usurpada no lugar da infalibilidade legítima. Os reis serão papas. Em vez do símbolo católico, tereis credos de fabricação humana, assinados Elisabete ou Nicolau. Diante desses farrapos de papel, saídos do gabinete de um déspota ou do toucador de uma cortesã, tereis de vos prostrar. Sob pena de morte, tereis de beijá-los como o Evangelho e, beijando-os, abdicar de toda dignidade moral.

Assim aviltada no que tem de mais nobre, que vem a ser a humanidade? O que era antes do Papa. Que era ela então? Um pagão o disse: era um rebanho exposto numa feira, sempre pronto a adjudicar-se ao maior lance: *Urbem venalem et mature perituram si emptorem invenerit*.[2]

Que vem a ser a sociedade? O que é por toda parte sem o Papa: um vasto bazar onde tudo se vende, porque tudo se compra: liberdade, honra, consciência.

Que vêm a ser os homens mais orgulhosos? O que foram na Roma dos Césares: criados para todo serviço, advogados para dizer tudo, exceto a verdade, prestadores de todos os juramentos,

cortesãos igualmente sinceros de Vitélio e de Otão, augusto senado deliberando com gravidade sobre o molho do rodovalho que deve alimentar o seu senhor.

Conservar a dignidade humana: eis, ainda, para que serve o Papa.

---

**Notas**

[1] Ver a razão em nosso opúsculo: *A Situação*.

[2] N. do T.: «Cidade venal, e prestes a perecer, se achar comprador» (Salústio, *Guerra de Jugurta*, XXXV). Gaume não indica a fonte.

# V — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa conserva a liberdade.

O Papa serve para conservar a liberdade. O bem de que o homem de hoje se mostra mais zeloso (e menos orgulhoso) é a liberdade. Os deveres de todos são os baluartes da liberdade de cada um. Sem Papa, não há Igreja. E sem Igreja, quem ensinará os deveres dos reis para com os povos; os deveres dos povos para com os reis; dos pais para com os filhos; dos ricos para com os pobres; dos fortes para com os fracos, e reciprocamente? Ninguém. Quem traçará os limites deles com certeza? Ninguém. Quem, com uma autoridade soberana, deterá o temerário que os quer transpor? Ninguém. Quem, com a mesma autoridade, o repreenderá quando os tiver transposto, dizendo-lhe, ainda que seja imperador: Isso não é permitido, *non licet*?[1] Ninguém.

Com o Papa caem todas as barreiras protetoras da liberdade. Em lugar delas, que tereis? O que a humanidade sem o Papa teve sempre e em toda parte: licenciosidade e despotismo.

Escritas com lama embebida de sangue, essas duas palavras significam em toda língua e em todo país: arbítrio, insolência, injustiça, opressão, lágrimas, misérias.

Significam Tibério, Heliogábalo, Diocleciano, Ivã, Henrique VIII, Couthon, Marat, e toda essa dinastia de tigres coroados ou não coroados, que fizeram dizer com razão:

> *Por nada deste mundo quereria ter de tratar com um príncipe ateu. Se ele tivesse interesse em me mandar triturar num almofariz, eu poderia estar bem certo de ser triturado.*

Tornar impossível a dinastia dos tiranos: eis ainda para que serve a dinastia dos Papas.

---

**Notas**

[1] N. do T.: Alusão às palavras de são João Batista a Herodes: «Não te he licito têlla por mulher» (Mt 14, 4); em latim, *Non licet tibi habere eam*.

# VI — Para que serve o Papa?

> **Sumário.** O Papa conserva a propriedade e os direitos de todos.

Para que serve o exército nas fronteiras do reino? Para que serve o para-raios sobre o edifício? O dique diante da torrente? A muralha em torno da cidade?

Exército, para-raios, dique, muralha, o Papa é tudo isso.

Imperadores e reis, sabei-o bem, o Papa guarda as vossas fronteiras e as vossas coroas.

Povos, grandes ou pequenos, o Papa guarda a vossa nacionalidade, a vossa autonomia.

Nobres e ricos, o Papa guarda os vossos castelos e as vossas terras.

Banqueiros, negociantes, operários, o Papa guarda os vossos cofres-fortes, os vossos armazéns e as vossas caixas econômicas.

Lavradores e habitantes dos campos, o Papa guarda as vossas heranças e as vossas choupanas.

É o Papa, e só o Papa, quem guarda tudo isso. Vós o compreendereis.

A vosso ver, quem protege o mundo contra o roubo, a injustiça, o comunismo? A força? Não. A força é um instrumento cego. Defende ou ataca, conserva ou despoja, segundo a vontade de quem a emprega. Quem, então? O direito. De onde vem o direito? Da mesma fonte que a verdade. Por quê? Porque o direito não é senão a verdade aplicada à propriedade. Qual é a fonte da verdade? É o homem? Impossível. Quem, então? Vós o nomeastes: é Deus.

Visto que o direito tem a sua origem, e por conseguinte a sua regra, em Deus, segue-se que o direito público, o direito internacional, o direito de propriedade, como qualquer outro direito, é divino. Ora, sem o Papa, o direito divino já não tem nem órgão divino, nem garantia divina. É substituído pelo direito humano, pelo direito novo.

Que é o direito humano? É o direito do homem, tornado ele mesmo o seu Deus, e tomando por regra dos seus atos, não a lei eterna da justiça, mas os seus caprichos e os seus interesses. É o direito da força, o direito da conveniência, o direito da cobiça: *Fortitudo nostra lex justitiæ*.[1] É o direito de Davi mandando matar Urias para raptar Betsabé; o direito de Nero mandando cortar a cabeça dos proprietários da África para adjudicar-se essa província; o direito dos soberanos do Norte apoderando-se, no século passado, da infeliz Polônia e repartindo entre si os seus retalhos. O seu código é curto: Sai daí para que eu me ponha no teu lugar, ou então…

Nessas condições, a força alheia, a conveniência alheia, a cobiça alheia são uma ameaça perpétua aos vossos bens e à vossa segurança.

Quer-se mal ao Papa porque se quer mal a todas essas coisas. Tende isso por décimo terceiro artigo do Credo.

Duvidais? Interrogai os franceses que viveram há setenta anos e os italianos que vivem hoje.

Em todos os tempos e em todos os lugares, os lobos da floresta querem mal ao pastor porque querem mal às ovelhas. Apesar das suas negativas hipócritas, os lobos da Revolução, do socialismo, do comunismo, do direito novo, não fazem exceção. O seu encarniçamento contra o Papado devia abrir-vos os olhos e ensinar-vos que o Papa serve para alguma coisa, até do ponto de vista dos vossos interesses temporais.

Na verdade, quando se vê os povos e os reis da Europa atacarem o Papado, imagina-se uma tropa de frenéticos que demolem à porfia o edifício que os abriga e que, ao cair, os esmagará sob as suas ruínas.

---

**Notas**

[1] N. do T.: «E seja a nossa força a lei da justiça» (Sb 2, 11).

# VII — Para que serve o Papa-Rei?

> **Sumário.** Mentiras contra o seu governo.

Ouço mil vozes que gritam:

> *Também nós queremos o Papa, é preciso que haja um Papa. Mas há o Papa-Rei e o Papa-Pontífice. Se não queremos o primeiro, queremos o segundo. É para exaltar o Pontífice que rebaixamos o Rei. Se abolimos o temporal, é por amor do espiritual. O verdadeiro meio de enriquecer o Pontífice de amor e de veneração é despojar o Rei da sua coroa e dos seus bens. Deixai-nos fazer e vereis.*

Que veremos? Que vemos já? O que veremos, Deus o sabe. O que vemos é a obstinação dos vossos esforços para tornar o Papa-Pontífice impossível ou impotente. Mas, antes de mostrá-lo, examinemos por que o Papa-Rei vos desagrada tanto:

> *Ah! dizeis, é que os seus Estados são mal governados. É que Pio IX, surdo a todos os conselhos, obstina-se em permanecer estacionário em meio ao progresso universal. Os seus súditos nos causam pena.*

Estais bem seguros das vossas afirmações? Falai com sinceridade: por qual delas estaríeis dispostos a deixar-vos cortar, não a cabeça ou a mão, mas a primeira falange do dedo mínimo? A Inglaterra, a França e o Piemonte de hoje são para vós o tipo da civilização e do progresso. A esses países felizes comparais os Estados do Papa, e exclamais gemendo:

> *Que diferença! Aqui, abusos sem conta; lá, justiça e regularidade por toda parte.*

*«Nos Estados do Papa: a legislação é incomparavelmente mais imperfeita.»* Mentira.

*«A autoridade menos paternal.»* Mentira.

«*A justiça pior administrada.*» Mentira.

«*A miséria mais profunda.*» Mentira.

«*As finanças pior administradas.*» Mentira.

«*A liberdade*[1] *menor.*» Mentira.

«*A instrução menos adiantada.*» Mentira.

«*A propriedade menos respeitada.*» Mentira.

«*Os impostos mais pesados.*» Mentira.

«*A vida mais cara.*» Mentira.

Todas essas mentiras, e outras ainda, estão registradas em duas obras, irrefutáveis como a história. A primeira fala em números, e em números oficiais: chama-se *Roma e Londres*[2]. A segunda é do próprio embaixador da França em Roma, o sr. de Rayneval, que sem dúvida não era pago para fazer a apologia dos Estados do Papa. Num relatório diplomático, que não lereis, essa testemunha tão competente, falando de tão alto, diz entre outras coisas:

> *Não cesso de interrogar as pessoas que vêm denunciar-me os abusos do governo papal. Essa palavra é palavra de Evangelho. Mas em que consistem esses abusos? É o que ainda não pude descobrir...*

> *Todas as medidas adotadas pela administração pontifícia trazem o cunho da sabedoria, da razão e do progresso...*

> *Não há um só pormenor capaz de interessar o bem-estar, moral ou físico, das populações que tenha escapado à atenção do governo ou que não tenha sido tratado de maneira favorável. Na verdade, quando certas pessoas dizem que o governo pontifício forma uma administração que não pode ter por fim o bem do povo, o governo poderia responder: Estudai os nossos atos e condenai-nos se ousardes*[3]*.*

Eis, porém, como sois enganados ou enganadores. E católicos têm a imprudência de fazer-se o eco de tais calúnias! Ignoram, então, que hoje a mentira, inventada por uns, espalhada por outros, é mais que uma arma? É uma potência. Ela tende, como prometemos mostrar, a tornar o Papa impossível ou impotente.

**Notas**

[1] Não confundir com a licenciosidade.

[2] Um vol. in-8º.

[3] *Recueil des traités*, etc., diplomáticos, etc. Paris, 1859.

# VIII — Para que serve o Papa-Rei?

> **Sumário.** O Papa-Rei serve às mesmas coisas que o Papa-Pontífice.

*Impossível.* Perguntais para que serve o Papa-Rei? Ninguém o sabe melhor que vós. Se não servisse para nada, não o atacaríeis. A prova evidente de que serve para tudo é que o atacais em toda parte. A vossa distinção entre o Papa-Pontífice e o Papa-Rei não passa de um engodo. O Papa é a continuação do Filho de Deus, Pontífice e Rei. Na sua pessoa, a união da realeza e do pontificado é necessária para representar, diante das gerações que passam, o Rei e o Pontífice que não passa. Vindas da mesma origem, essas duas prerrogativas tendem ao mesmo fim. O Rei serve ao Pontífice como o corpo serve à alma.

Radicalmente privado de poder temporal, o Papa é uma alma sem corpo. Estabelecido para mandar em seres ao mesmo tempo materiais e espirituais, como o Papa, alma sem corpo, entrará em relação com os seus súditos? Apóstolos do puro espiritual, explicai o problema: do contrário, reconhecei que não sabeis o que dizeis, e que o primeiro efeito das vossas utopias seria relegar o Papa e a Igreja ao mundo angélico, isto é, segundo o vosso pensamento, ao império da Lua.

*Impotente.* Falais do vosso respeito pelo Papa-Pontífice, tornado simples bispo de Roma. O Papa Pontífice e Rei é a mais alta majestade da terra; pois é a personificação visível da realeza eterna, e eternamente independente, do Filho de Deus sobre o mundo. O Papa Pontífice e Rei é o Papa que marcha à frente dos monarcas; o Papa que goza, em grau inacessível a qualquer outro, do prestígio da soberania. Esse prestígio é duplamente indispensável, tanto para imprimir, de perto como de longe, o respeito aos príncipes e aos homens até os confins da terra, quanto para conservar, brilhante como o sol, o selo de independência necessário à palavra pontifícia.

Tal é o augusto caráter com que se apresenta o Papa-Rei. E ele é impotente para obter o vosso respeito e a vossa obediência! Que digo? Ousais prodigalizar-lhe a injúria e o desprezo!

> *A culpa, dizeis, é da sua realeza. Ah! se ele já não fosse Rei!... De quantos respeitos o cercaríamos!*

Fielmente traduzida, essa linguagem significa:

> *Quando o Papa tiver descido das alturas a que o elevaram os desígnios de Deus e os respeitos do universo; quando, em vez de ser o primeiro dos soberanos, não for sequer rei, mas súdito; quando já não tiver nem órgãos oficiais para intimar as suas ordens aos príncipes e aos povos, nem representantes acreditados para defender os interesses da religião no mundo inteiro; quando a sua palavra solitária, sem proteção legal, puder todos os dias ser desfigurada, truncada, traduzida ao contrário por uma imprensa hostil; quando, enfim, já não se falar do Papa, ou for permitido a cada um ultrajá-lo impunemente: é então que cairemos a seus joelhos, respeitosos como os primeiros cristãos, obedientes como noviços.*

Só vos resta obter uma coisa: que vos creiam.

# IX — Para que serve o Papa-Rei?

> **Sumário.** Continuação do precedente.

> *Nós o obteremos, acrescentais; pois somos católicos do fundo das entranhas; e até, sem nos gabarmos, mais católicos que o Papa. Se pedimos a supressão do temporal, é para desembaraçar o espiritual, tornar o Papa mais livre e reconduzir a Igreja à sua perfeição primitiva. Jesus Cristo nasceu num estábulo; nada possuiu; declarou que o seu reino não é deste mundo[1]. São Pedro só teve a sua barca e o seu cajado. Os primeiros Papas foram pobres como ele. Em vez de palácios, habitavam as Catacumbas. Quê de mais belo!*

Tudo isso é verdade. Mas também é verdade, segundo as vossas teorias clássicas sobre a origem das sociedades, que houve um tempo em que os reis viviam de bolotas como os seus súditos; em que não tinham por palácio senão cabanas, por equipagem senão os pés descalços, e por manto real senão a própria pele. Quê de mais perfeito! Começai, pois, por fazer reviver, no século dezenove, esse feliz estado da santa Natureza; depois veremos de reconduzir a Igreja ao que chamais os belos dias da sua perfeição primitiva.

Entretanto, da comparação que vos apraz fazer do presente com o passado, concluís pela legitimidade, e até pela utilidade, do esbulho do Papa. Sede coerentes e acrescentai às ladainhas:

> *São Mazzini, são Garibaldi, são Vítor Emanuel, grandes benfeitores da Igreja, rogai por ela e por nós.*

Vamos ao fundo das coisas. Ou credes no vosso belo raciocínio, ou não credes. Se não credes, por que o fazeis? Se credes, não somente não sois católicos: nem sequer sois cristãos. Dizeis que o temporal não é nem necessário nem útil à Igreja; que é até contrário à sua perfeição e um obstáculo à vossa salvação. A Igreja afirma exatamente o contrário. Engana-se, pois, manifestamente. Se a Igreja se engana, é o próprio Filho de Deus que se engana, ele que prometeu estar todos os dias da duração dos séculos com a sua Igreja ensinante e atuante.

Dizemos a Igreja, notai bem; pois vos desafiamos a citar um só Papa que tenha sido do vosso parecer, ou um só bispo verdadeiramente católico que não pense como o Papa.

Quem sois, pois, para vos insurgir contra uma tal autoridade e querer destruir o Papado, tal como Deus e os séculos o fizeram? Quem sois para acusar a Igreja, ou de não ter compreendido as palavras e os exemplos do seu Fundador, ou de tê-los indignamente desprezado? Quem sois para dizer ao Vigário de Jesus Cristo: Sabemos melhor que vós o que convém à religião e o que não lhe convém? Que espírito vos anima quando ousais declarar o Pai do mundo cristão obstinado, ingrato, incapaz de governar os seus povos? De onde vindes? Quem vos envia? Reformadores, que milagres acreditam a vossa missão? Onde está o vosso mandato? Por quem é assinado? Abaixo as máscaras. Que ao menos uma vez vos vejam o rosto.

---

**Notas**

[1] Isto é: não vem deste mundo, *regnum meum non est hinc*. Tira a sua existência, a sua legitimidade, a sua força, não do direito de conquista, de nascimento ou de eleição, mas de Deus. *Ego autem constitutus sum rex ab eo.* Por que Nosso Senhor e os seus primeiros Vigários não exerceram os direitos da realeza temporal? Essa questão nos levaria longe demais. — «mas agora não he d’aqui o meu reino» (Jo 18, 36). — «Eu porém fui por elle constituído rei» (Sl 2, 6).

# X — Por que se quer mal ao Papa-Rei?

> **Sumário.** Quer-se mal ao Papa-Rei porque se quer mal ao Papa-Pontífice.

Hesitais; mas se a vossa boca é muda, os vossos atos falam. Que dizem eles? Dizem que, apesar das vossas açucaradas garantias de respeito pelo Papa-Pontífice e de amor pelo espiritual, não quereis mais o Papa-Pontífice do que o Papa-Rei. Dizem até que só quereis mal ao temporal porque, há muito tempo, fizestes pouco caso do espiritual.

Quem ataca, pois, hoje o poder temporal do Santo Padre, senão aqueles que, por seus escritos e por seus atos, testemunham altamente o seu desprezo pelo poder espiritual dele? O que quereis, vamos dizê-lo: quereis livrar-vos desse ancião que vos incomoda. Quereríeis aniquilar o Papado, que sabeis jamais poder compor-se com as vossas doutrinas. Não vos sendo isso dado, quereis acorrentá-lo e enfraquecê-lo. Quando, sob pretexto de unidade italiana, tiverdes encerrado o Papa no recinto do Vaticano e estabelecido em torno da sua residência uma linha de circunvalação piemontesa; quando nenhuma correspondência, vinda dos quatro cantos do mundo católico, puder chegar ao Santo Padre sem passar pelo controle dos agentes piemonteses, e nenhuma resposta puder voltar sem passar pelo mesmo controle; quando, enfim, para dizer a palavra, o Vigário de Jesus Cristo for o inquilino de Vítor Emanuel, com Mazzini por mordomo e Garibaldi por porteiro: a obra estará feita.

Tereis tornado o governo da Igreja impossível a Pio IX, como o foi a Pio VII, cativo em Savona. Nesse estado, admitimo-lo, ver-vos-ão, soldados de Pilatos, dobrar o joelho diante do Vigário de Jesus Cristo, despojado e atado como o seu Mestre, e dizer-lhe esbofeteando-o: Salve, Rei das consciências: *Ave, Rex Judæorum*.[1]

Eis o que quereis. Esse jogo sacrílego vos bastará por muito tempo? Quem pode responder? Só três coisas são certas. O Calvário não fica longe do Pretório; são Pedro foi crucificado no Vaticano; e, poucos anos depois do deicídio, Tito acampava em torno de Jerusalém, onde não ficou pedra sobre pedra.

Quanto a vós, católicos, podeis, de olhar firme e coração erguido, encarar o futuro. Os coveiros dormirão na tumba que terão cavado para vós. Enquanto isso, a todos os sofismas contentai-vos em responder:

> 

> *Sou filho da Igreja. Com todos os séculos católicos, creio o que crê o Santo Padre; aprovo o que ele aprova; condeno o que ele condena, nem mais nem menos. Sobre esse travesseiro dos mártires e dos santos, durmo em paz: In pace in idipsum dormiam et requiescam.*[2]

Como se vê, ninguém no mundo ocupa um lugar tão amplo quanto o Papa e o Papa-Rei. Que ele desapareça, e a sua ausência deixa um vazio que jamais será preenchido. Chefe da Igreja, sol do mundo, pedra angular da sociedade, órgão de todos os deveres, protetor de todos os direitos, se cai, tudo desmorona com ele e desce a um abismo sem fundo.

Tal é a resposta a esta pergunta: Para que serve o Papa, e o Papa-Rei?

---

**Notas**

[1] N. do T.: «Deos te salve, Rei dos Judeos» (Mt 27, 29).

[2] N. do T.: «Em paz dormirei nelle mesmo, e repousarei» (Sl 4, 9).

# XI — Por que o Papa serve para tudo?

> **Sumário.** O Papa serve para tudo porque é Papa.

O Papa serve para tudo, e é tudo o que acabamos de dizer, não porque é homem, mas porque é Papa. O homem é uma cédula de banco. Por si mesma, a cédula de banco não é nada, nada além de um pedaço de papel. Assim o homem. Mas a cédula vale o que representa. Assim o homem que se chama O PAPA. Quanto vale o Papa? O que representa. Que representa ele? O próprio Deus.

Depositário escolhido de Deus e depositário único, nele se concentra tudo o que, na ordem moral, Deus é para o mundo civilizado. Para o mundo civilizado, Deus é tudo: religião, sociedade, família, direito, justiça, dignidade, liberdade, segurança. O Papa é tudo isso.

Vigário de Deus, todos esses tesouros saem do Papa como o calor e a luz do foco incandescente; como o sangue sai do coração e leva a vida a todas as partes do organismo. Pelo Papa, essas forças elementares são postas em ação, mantidas em harmonia, aplicadas na medida conveniente, segundo os climas, os tempos e as pessoas. O que todos os seres devem dizer do Criador, os princípios civilizadores das nações cristãs podem dizê-lo falando do Papa: É nele que temos a vida, e o movimento, e o ser: *In ipso enim vivimus, et movemur, et sumus*.[1]

Tirai o Papa, e a divina cédula está rasgada. O valor que ela representa já não existe. As transações necessárias entre o poder e o dever fazem-se com o papel-moeda das mudanças políticas, expedientes efêmeros, *assignats*[2] sem garantia, tendo por si, para lhes dar curso, os projéteis dos canhões raiados ou os paralelepípedos das barricadas. É, pois, manifesto que, ao atacar Pio IX, não é ao homem que se ataca, mas ao Papa; e, ao atacar o Papa, ataca-se o próprio Deus, tal como se deu à humanidade cristã e se constituiu no meio dela para elevá-la até si.

Caído o Papa, é preciso repeti-lo, a ideia soberana do Deus redentor, do Deus civilizador, recai ao estado de letra morta, para logo se perder na poeira da dúvida e acabar no nada da negação universal, com todas as suas consequências.

Por essas verdades fundamentais mede-se a enormidade do atentado que hoje se comete.

---

**Notas**

[1] N. do T.: «Porque n'elle mesmo vivemos, e nos movemos, e existimos» (At 17, 28).

[2] N. do T.: papel-moeda emitido pela Revolução Francesa, que acabou sem valor algum.

# XII — Por que o Papa é tão abandonado?

> **Sumário.** O Papa é abandonado porque não é conhecido.

Sendo assim, parece que, sob o céu da Europa, não deveria encontrar-se um só homem nem uma só mulher que não esteja apegado ao Papa, e ao Papa-Rei, como cada um está e deve estar apegado ao cristianismo, à civilização, à sua dignidade pessoal, à sua liberdade, à sua fortuna, à sua segurança.

A realidade é outra. O Vigário do Filho de Deus, como outrora o próprio Filho de Deus, é hoje traído pelos uns, abandonado pelos outros: *relicto eo, omnes fugerunt*.[1] O vazio fez-se à sua volta, e ele percorre o seu caminho doloroso em meio à indiferença das nações.

Dessa indiferença monstruosa, presságio sinistro de catástrofes inominadas, qual é a causa? Não se ama o que não se conhece. Ora, que há de menos conhecido que o Papa, mesmo entre os católicos? Sabem do Papa que é o chefe da Igreja, que institui os bispos e que canoniza os santos.

Mas o lugar que o Papa ocupa no mundo; a obediência filial que lhe devem os reis e os povos; a influência indispensável da sua ação, tanto na ordem temporal como na espiritual; os benefícios imensos de que a humanidade lhe é devedora; a independência necessária da sua sede: de tudo isso que sabem as gerações modernas? Nada.

De quem é a culpa? Ainda que fatiguemos certos ouvidos, não nos cansemos de proclamar a verdade. Dirigimo-nos a todos os que fizeram os seus estudos clássicos, e a sociedade à imagem dos seus estudos, e lhes perguntamos se alguma vez tiveram nas mãos um só livro grego, latino, francês, histórico, científico, filosófico ou de outro gênero, que responda com seriedade, com veracidade, a esta pergunta fundamental: Para que serve o Papa?

Cada um de nós não pode dizer com toda a verdade:

> *Sabemos de cor os diversos papéis de todos os deuses do paganismo; as lutas dos patrícios e dos plebeus; as decisões mais ou menos importantes do senado e do areópago; os feitos, gestos e ditos de Alexandre, de César, de Sócrates e de Cícero.*

> *Mas a necessidade social do Papa; mas as lutas heroicas dos Papas em favor da liberdade dos povos; mas os benefícios dos Papas; mas as vitórias dos Papas sobre a força bruta e sobre a barbárie; mas a alta sabedoria dos Papas no governo do mundo: quem nos falou disso alguma vez?*

> *Toda a nossa instrução clássica, histórica, literária, jurídica, política, às vezes até teológica, é indiferente ou hostil ao Papado. É de espantar que, em presença dos seus inimigos, sejamos indiferentes, mudos, desarmados? Somos o que fizeram de nós. Se somos culpados, mais culpados são os que nos fizeram o que somos.*

---

**Notas**

[1] N. do T.: «Então desamparando-o os seus discípulos, fugirão todos» (Mc 14, 50).

# XIII — Advertências solenes

> **Sumário.** Temores e esperanças.

Em meio a essas disposições lamentáveis, cuja responsabilidade pesa com mais força sobre os que menos o creem, que faz o Santo Padre? Humilhado, saturado de ultrajes, ameaçado na sua liberdade, talvez na sua vida, dirige-se a todos e a cada um, aos reis como aos povos; e, em forma de suprema despedida, diz-lhes estas palavras de Jeremias, verdadeiramente escritas para a circunstância:

> *Eis que estou em vossas mãos; fazei de mim o que vos aprouver. Mas sabei-o bem: se me ultrajardes, se atentardes contra a minha liberdade ou a minha vida, chamais sobre as vossas pessoas, sobre os vossos reinos e sobre os seus habitantes todos os raios do céu: pois eu sou verdadeiramente o Lugar-Tenente de Deus, o Órgão das suas vontades, o Depositário dos seus direitos*[1].

Acreditarão eles? É um talvez. O que não é um talvez é que o mundo passará; mas as palavras da eterna Verdade não passarão. Como os seus antecessores, os atuais inimigos do Papado serão quebrados como vasos de barro; e, quando a Revolução tiver lançado ao vento a sua poeira, o Papa, único sobrevivente de todos os poderes, continuará a repetir, entre as ruínas das coisas humanas, o cântico da sua régia imortalidade: *Et portæ inferi non prævalebunt*.[2]

---

**Notas**

[1] *Ego autem ecce in manibus vestris sum : facite mihi quod bonum et rectum est in oculis vestris ; verumtamen scitote et cognoscite quod si occideritis me, sanguinem innocentem tradetis contra vosmetipsos, et contra civitatem istam, et habitatores ejus : in veritate enim misit me Dominus ad vos, ut loquerer in auribus vestris omnia verba hæc.* (Jr 26, 14-15.) — «E quanto a mim, eis-aqui estou nas vossas mãos: fazei de mim o que tiverdes por bom e recto nos vossos olhos: porém sabei, e tende entendido, que se me matardes, fareis traição a hum sangue inocente contra vós mesmos, e contra esta cidade, e seus moradores: porque na verdade o Senhor me enviou a vós, para que fallasse aos vossos ouvidos todas estas palavras.»

[2] N. do T.: «e as portas do inferno não prevalecerão contra elle» (Mt 16, 18).